



O Não-Formal e o Informal

em Educação: Centralidades e Periferias

.....
José Augusto Palhares | Almerindo Janela Afonso [organização]



O Não-Formal e o Informal em Educação



A experimentação no caminho da educação não formal e informal. A Educação Física/Desporto como um bom exemplo

António Camilo Cunha

Instituto de Educação - Universidade do Minho - Centro de Investigação em Estudos da Criança)
camilo@ie.uminho.pt

A Educação moderna (onde se encontra a Educação Física/Desporto) está predominantemente voltada para o exterior. Na radicalidade desta afirmação encontramos a constatação de que a educação (Física/Desporto) parte do pressuposto de que precisamos adquirir todo o conhecimento – conhecimento positivo, da técnica, do experimento, da formalidade... - para que possamos conhecer, sermos competentes, críticos e inovadores. Este fato vai contra a *primeira ideia da boa educação* cantada pelos Gregos. A Educação como tempo livre para se dedicar ao ser interior (metáfora Socrática), para conhecer o eu interior. Esta realidade também foi apropriada pela modernidade, ao referir que só há Educação quando existe a *dimensão normativa* de influência política, histórica, social, mas também a *dimensão axiológica* que alimenta e é alimentada pelos valores e pela cultura que é muitas vezes (quase sempre) informal e não formal- tempo de verdadeira experimentação. Ora, se nosso objetivo é continuar a viver numa sociedade aberta e democrática, num mundo em que cada um de nós pode construir a sua própria experiência e orientar a sua vida pelo respeito e solidariedade para com os outros – *torna-se necessário tomar consciência sobre esta primeira ideia da boa educação*. A pergunta que gostaríamos de colocar é saber: Como tomar consciência desta Educação? Uma possível resposta: Pelo sentido da experimentação que encontra na Educação Informal e não formar um bom caminho – um caminho rico. *A experimentação como fundamento da educação total*. Este fato vai contra a ideia de experimento (a escola, o currículo como um experimento!?) típico da Educação formal moderna - de grande racionalidade técnica e burocrática. A reflexão tenta mostrar que a Educação Física é um bom exemplo do informal e não formal... próximo de uma Educação total...

Palavras-chave: educação (física) não formal; informal; experiência; experimento; modernidade.

1. Introdução

A modernidade parece que consagrou a educação e a aquisição do conhecimento no altar da racionalidade. Para tal evento convocou os ideais de eficácia, eficiência, produtividade, formalidade acreditando que esse seria o caminho. No entanto, a *constatação prática* vem demonstrando que a racionalidade e seus experimentos são redutores e que a boa educação precisa de mais, muito mais... existindo a necessidade de convocar outros espaços e tempos de educação, aprendizagem e conhecimento. Esses novos espaços e tempos parecem estar sediados agora na vida vivida, onde o *informal e não formal* emergem como verdadeira experimentação. Ora, se nosso objetivo é continuar a viver numa sociedade aberta e democrática, num mundo em que cada um de nós pode construir a sua própria experiência e orientar a sua vida pelo respeito e solidariedade para com os outros – *torna-se necessário tomar consciência sobre estes espaços não formais e informais que têm na experimentação uma variável estruturante*.

A reflexão tenta mostrar que a Educação Física/Desporto é um bom exemplo do informal, não formal, da experimentação e por isso da excelência educativa. Para a sua concretização organizamos a reflexão em três momentos: A constatação das leis da termodinâmica (2ª lei); O tempo das habilidades e o tempo da técnica; A experimentação como o “segredo” que mostra a habilidade e estrutura a técnica...

2. Desenvolvimento

2.1. A constatação das leis da (física) termodinâmica (2ª lei)

Quando olhamos para as leis da termodinâmica (Abbott, & Van Ness, 1992; Dias, 2012), constatamos que a 2ª lei faz referência aos *sistemas fechados e sistemas abertos* e à ideia de entropia – que significa desordem das partículas de um sistema. Nos sistemas fechados, existe a ideia de estabilidade, do inviolável, do seguro. Há, assim, uma não entropia ou entropia mínima, uma desordem mínima. No entanto, por paradoxal que pareça, este fato impossibilita o desenvolvimento. Os materiais, as estruturas, os sistemas fechados, quando abalados, levam a uma desordem radical ou extrema e, com ela, à destruição.

Por seu lado, a existência de um sistema aberto (que fundamentará a abordagem sistémica) tem um sentido contrário. É um sistema de entropia máxima – desordem de um sistema que, pelo desequilíbrio (flexível), leva ao desenvolvimento.

O Ser humano é um sistema aberto pela abertura de si ao meio e, por conseguinte, fazedor de evolução científica, artístico-cultural, linguística, desportiva... O novo, a inovação, o desenvolvimento resultam, assim, de contínua adaptação, de um contínuo círculo hermenêutico – equilíbrio/desequilíbrio, equilíbrio/desequilíbrio... –, numa lógica de um *continuum* existencial, que participa da história do homem desde a origem até ao contexto pós-moderno de grande complexidade (Morin, 2001; Camilo Cunha, 2008). Assim:

Um sistema (ser humano) fechado tem apontado a si uma seta de destruição – o experimento e o formal poderão constituir-se como um sistema fechado;

Um sistema (ser humano) aberto tem apontado a si a seta da construção, da evolução e, em última instância, da excelência – a experimentação, o não formal e informal poderão constituir-se como um sistema aberto.

A Educação Física (que tem o Desporto¹ como matéria de ensino) está neste envolvimento. A Educação Física integra o património cultural do homem. Criado,

¹ O desporto contemporâneo tem sido um espaço de coabitação de uma multiplicidade de modalidades/atividades de acordo com as diferentes representações sociais, individuais e, até, espaciais (continentais). Neste contexto, têm emergido novas modalidades, novos eventos, que paulatinamente têm feito a “rutura” com a perspetiva tradicional (bipolar) do *desporto – recreação (lazer) e desporto - rendimento*. De facto, assistimos a perspetivas e práticas diferentes de desporto: *desporto como organizações e pessoas/social*: apresenta ingredientes gerais de festa, considerando que se realiza como um rito, esquema, ordem, organização e cultura – desporto como festa social...revolução cultural, política, axiológica...; *desporto – rendimento*: tem como objetivo rendimento, e vivência atlética de alto rendimento e vivência atlética de alto rendimento; *desporto – educação*: com claros objetivos de levar seus praticantes a uma educação para o lazer e o alcance da cidadania; *desporto – saúde*; *desporto – lazer*; *desporto criativo*; *desporto - integração*, *desporto – natureza*; *desporto intercontinental* (veja-se os Jogos Olímpicos, Mundiais...) que traduzem enfoques e vivências diferenciadas; *desporto participação*: destinado ao bem-estar de todos os seres humanos, praticado voluntariamente quer seja como ato educativo, quer seja de aquisição e manutenção de um estado saudável.



transmitido, transformado, recriado e dinâmico, ele é, assim, plural, polimórfico, politécnico, tendo objetivos, práticas, formas de jogar, regras, equipamentos, etc.. A Educação Física constitui-se, assim, como uma metáfora da *vida e do homem – um sistema aberto, um sistema que tem na sua fundamentação/origem a experimentação*.

2.1.1 Uma forma de perceber a abertura, a experimentação e a evolução

Entre Leonel Messi (alta competição) e Afonsinho (brinca com os amigos e anda na escola – tendo Educação Física)

Leonel Messi

Quando observamos (contemplamos) o jogo de Leonel Messi, constatamos que movimentos como eficácia, fluência, precisão, estética e automatismo se encontram presentes. Quando entra na área adversária com a bola nos pés, quando faz uma finta, quando remata ou quando faz passes milimétricos, vai sofrendo por parte dos adversários pressões, marcações e dobras. Mesmo assim, ele consegue suplantá-las (*perturbações* (a ideia de perturbação – de que falamos há pouco na termodinâmica). Se o sistema fosse *fechado* (treino e competição “fechado” em experimentos, e modelos rígidos de ação) certamente que muitos erros apareceriam e ele entrava em colapso. Como Messi tem em si um *sistema aberto*, perante essas perturbações, descobrirá sempre outras formas de solucionar o gesto técnico - tático:

- mudança de direção, de velocidade;
- mudança de trajetória;
- mudança de pé;
- alteração do corpo;
- Movimentos antes nunca experienciados (criatividade, imaginação, novo...);
- pressões externas (assistência, adversários).

Assim, o sistema de Messi, como sistema aberto (experimentações de várias ordens) enfrenta as perturbações de forma sucessiva. Ao conseguir enfrentar essas perturbações, cria-se uma *nova adaptação* - novos quadros mentais, físicos, técnicos, táticos, de entendimento e prática foram (são) alcançados. É este constante adaptar às perturbações, ao longo do treino e da competição (que demora anos, em contextos formais, mas também informais e não formais de movimento), que conduzirá ao rendimento. Esta ideia de estabilidade e instabilidade levará à evolução e à excelência. A excelência é, assim, um processo constante de aperfeiçoamento, levado a uma nova ação cada vez mais estética – o bem, o bom e o belo.

O Afonsinho

Quando o Afonsinho joga futebol na rua (tempo/espço não formal e informal) ou na escola, ele apresenta erros grosseiros. Com muita prática, esforço e dedicação (repetição de movimento, muita experimentação), vai-se aperfeiçoando e aproximando da técnica – a técnica aqui entendida como movimento eficaz, mas também movimento belo – e, quando esta associação se celebra, estamos no campo da excelência, da poesia.



Há, assim, uma modificação nos padrões de movimento. Se o Afonsinho dá toques numa bola, ele, numa situação inicial, fará muitos erros, perdas de bola/controle. No entanto, depois de muita repetição, automatizará (estabilização). Em todo o caso, ele não ficará, porém, por aqui. Partirá, de imediato, para novos padrões de movimento, para novas experimentações. Ele desejará desestabilizar aquilo que, com tanto esforço, estabilizou, não se contentará com o já conhecido ou o já realizado, e vai tentar criar novos mundos motores. Para isso, terá coragem, ousadia e não terá medo de errar (a experimentação gosta do erro, o experimento não gosta do erro...). E, assim, dará toques com o pé direito, esquerdo, de calcanhar. Dos passes que, antes, eram desordenados e curtos, ele fará passes ordenados e longos, porque se situa efetivamente na caminhada da excelência, da sua excelência e da sua evolução.

Ora, este mesmo quadro, num sistema fechado (experimento preocupado com a eficácia), não deixaria o errado, a criatividade, o tempo com ele, o tempo preciso. *A Educação Física na Escola será um sistema aberto ou fechado? Esta é, uma grande questão que talvez tenha uma resposta: Talvez um sistema predominantemente fechado - um experimento!?*

2.2. O tempo das habilidades e o tempo da técnica – O tempo de Afonsinho e o tempo de Messi.

Convém definir, com precisão, dois termos estruturantes: *habilidade e técnica...que dará tática*, para entendermos *o como estar e atuar* no campo da educação física/desporto na escola.

A habilidade é algo interno, algo nosso, só nosso, que muitos defendem como um dom natural que parece estar já trabalhado. Estas habilidades serão depois trabalhadas por tentativa - erro, com esforço, pela experimentação (com mais ou menos esforço). Desta experimentação surgirão novas informações, conhecimentos que vão consolidar-se em técnica.

A técnica diz o homem,² faz parte da evolução do homem, sendo um fundamento cultural. A evolução (história) do homem pode ver-se pela evolução da técnica – a recolha de vegetais e frutos, depois, sequencialmente, a agricultura, a indústria, o comércio e, hoje, neste tempo pós - moderno, o digital. *A técnica (para além de um sentido estético) emerge como um modo de conhecimento de eficácia e produtividade.* A técnica, no campo da Educação Física (desporto), tem este sentido, mas também o da *excelência humana* (Camilo Cunha, 2008).

² *A Técnica como a excelência humana* – “ é a técnica que precede e possibilita a criatividade e a inovação. A criatividade será uma espécie de estado de graça, de harmonia e perfeição, um sopro de inspiração que responde a uma ordem e a uma voz que vem de dentro, mas que só resulta quando a técnica se instala como uma segunda natureza. Sim, difícil é a técnica; com ela o resto é fácil. A técnica é uma condição acrescida e aumentativa; não serve apenas a eficácia, transporta para a leveza, a elegância e a simplicidade, para a admiração e o espanto, para o engenho e a expressão do encanto. Sem ela não se escrevem poemas, não se compõem melodias, não se executam obras de arte, não se marcam golos, não se conseguem cestos e pontos, não se pode ser bom em nenhum ofício e mister. A arte, a qualidade, o ritmo, a harmonia e a perfeição implicam tecnicidade. Sem técnica não há estética de coisa alguma. A ética fica deficitária e manca. Enfim, sem técnica não logamos ser verdadeiramente humanos” (Bento, 2006, p.157).



É neste sentido exato do que é a técnica que poderemos falar no sentido da tática. A tática, mais do que uma operacionalização racional, externa, tem um começo interno. A tática é filha da técnica. A tática é o resultado da apropriação técnica do indivíduo. O rigor e a disciplina tática são tanto maiores quanto maior for o sentido da técnica. Aliás, será a própria técnica que irá exigir a ação e o rigor tático. Por isso, primeiramente, devemos dar tempo às habilidades (experimentação), depois, a técnica... que dará tática – mais próxima de lógicas de rigor e experimento.

Como explicar o aparecimento da técnica no campo da Educação Física/Desporto?

As habilidades motoras – correr, saltar, lançar, trepar... – vão-se construindo pelo trabalho – tentativa/ erro, experimentação, acerto, mecanização, automatização.

Quando o processo de automatização está conseguido (eficácia), temos a técnica. Neste sentido, a técnica pode ter um valor universal (*status quo* técnico). Todavia, a capacidade de ousadia ou de desafio poderá coloca-la em causa. Exemplos paradigmáticos disso são as várias técnicas do salto em altura – tesoura, ventral, flop...

Quando o Americano Dick Fosbury, nos Jogos Olímpicos do México de 1968, teve a “ousadia” de saltar de costas, *fez emergir* uma nova técnica – o Fosbury Flop.

Neste envolvimento, a técnica é temporariamente um ponto de chegada, pois poder-se-á transformar num ponto de partida. Assim, quando ponto de chegada, poderá permitir novas ruturas para novas habilidades que, depois de trabalhadas, darão novas técnicas. Neste sentido, a técnica poder-se-á transformar em habilidade perante o aparecimento de novas e eficazes técnicas.

2.3. A experimentação, o “segredo” que mostra a habilidade e estrutura a técnica

1896

Quando nos detemos no ato pedagógico, constatamos (tradição) que a Educação Física/Desporto na escola (clube) está estruturada numa lógica de experimento. A ideia de experimento está voltada para uma pedagogia tradicional (racionalidade técnica), projetada, previsível, desejada, objetiva, quantificável, de expectativa a ser alcançada. É aquela que se encontra na educação física tradicional do currículo – *educação e currículo formal*. Este fato tem, na sua retaguarda, um sentido político e, com ele, a ideia de ideologia, cultura, organização social, preparação do futuro. Tem, efetivamente, um sentido político, de estado. O estado contemporâneo só pretende eficácia e produtividade, esquecendo o indivíduo, na sua individuação. Na realidade, controla e manipula o indivíduo na produção – a exterioridade.

Contrariamente, a ideia de experimentação está voltada para uma pedagogia primeira (e por isso ontológica, e não política). A experimentação é da ordem do imprevisível, convocando a subjetividade, a liberdade individual, o sentido hermenêutico, fenomenológico (Heidegger 2000, 2003; Merleau-Ponty, 1999, 2006) e existencialista (Sartre, 2002). A existência deste campo está em si mesmo, não havendo medições, nem expectativas. A experimentação (educação), é primeiramente do *campo informal e não formal*

A experimentação tem a *verdade que só ela sabe e diz*. É pela passagem por este estádio que se vai estruturar a ideia de habilidade e de indivíduo (individuação). Para que a habilidade seja efetiva, a experiência/experimentação tem que existir. Reveste-se de um sentido político de nação e só há nação quando existe indivíduo, emergindo daqui a imaginação, intencionalidade, criatividade, inovação, mola de impulso para se ser mais - individualmente e como povo (desporto) – a interioridade.



3. Em jeito de conclusão

Deixamos esta pequena reflexão, uma reflexão que diríamos de tomada de consciência sobre o processo tão complexo que é a educação, em geral, e da educação motora, em particular. A Educação Física, na escola, deve ser, antes de mais, um *locus de habilidades, de experimentação* e, por isso, espaço e tempo para a criatividade, a abertura, a rutura... e, depois, sim, de técnica e tática (esta de carácter mais racional) ... A Educação Física, na escola, como tempo e espaço (exclusivo) para a técnica, poderá impor-se como um sistema fechado para muitos alunos. Numa perspetiva escolar ou de intervenção didática, esta deverá permitir e estimular a experimentação, o tempo e o espaço para as habilidades, pois, assim, concede oportunidade (aberturas e possibilidades) para a experiência primeira, a experiência ontológica, rica, única, de grande potencial humano e motor. *O tempo não formal e informal parecem ser estruturantes.*

Referências bibliográficas

- Abbott, Michael & Van Ness, Hendrick (1992). *Termodinâmica*: McGraw-Hill.
- Bento, Jorge (2006). *Desporto: Matéria de ensino*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Dias, José (2012). *Química-Física. Uma introdução*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Camilo Cunha, António (2008). *Pós-Modernidade, socialização e profissão dos professores de Educação Física: Para uma nova reconceptualização*. Viseu: Vislis Editores.
- Heidegger, Martin (2000). *Problemas fundamentais de la fenomenologia*. Madrid: Calesa.
- Heidegger, Martin (2003). *Caminho da linguagem*. Lisboa: Vozes Editores.
- Merleau-Ponty, Maurice (1999). *Fenomenologia da percepção* (2.^a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, Maurice (2006). *Psicologia e pedagogia da criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- Morin, Edgar (2001). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sartre, Jean Paul (2002). *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural.
- Schmidt, Richard & Wrisberg, Craig (2001). *A aprendizagem e performance motora: Uma abordagem da aprendizagem baseada no problema*. Porto Alegre: Artmed.
- Schmidt, Richard (1993). *A aprendizagem motora*. São Paulo: Movimento.
- Weineck, Jurgen (1999). *O treinamento ideal*. São Paulo: Manole.

